



OF 06. Ciganos em Perspectivas

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN)

Mirian Alves de Souza (UFF)

Ministrantes:

Sessão 1:

Jamilly Rodrigues da Cunha

Sessão 2:

Renan Jacinto Monteiro (Freela)

Sessão 3:

Mirian Alves de Souza (UFF)

A proposição desta oficina surge do desejo de apresentar e discutir resultados das pesquisas empíricas que, no campo da antropologia, focalizam comunidades ciganas no Brasil e no exterior. Os ciganos representam um dos maiores grupos étnicos na Europa e estão presentes em todos os países, membros da União Europeia. Embora não existam dados demográficos confiáveis, uma vez que a "identidade cigana" não é necessariamente reconhecida por todos os censos nacionais, pesquisas informam a presença de ciganos em todos os continentes, em países como Brasil, Argentina, Colômbia, México, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Iraque, Egito e Jordânia. As atividades que compõem esta oficina visam explorar a partir de recursos áudio visual e do material etnográfico das proponentes, questões relacionadas às pesquisas que deram origem a etnografias que problematizam políticas e dados oficiais apresentados sobre os ciganos; que pensam os aspectos de contraste entre ciganos e não-ciganos a partir de questões práticas, abordando geração, gênero, performance e negociações, e que questionam conceitos e categorias usualmente definidas para se referir e pesquisar ciganos. Além disso, a oficina pretende envolver a participação de ativistas, que se propõe a explorar o protagonismo cigano e pesquisadores que trabalham com temáticas transversais aos estudos ciganos.

Ativismo político entre mulheres Romani

Autoria: Jamilly Rodrigues da Cunha (Colegi); Lucimara Cavalcante (AMSK)

Nas canções quase sempre estavam associadas à sensualidade e perspicácia diante de relações amorosas. Na literatura, da mesma forma, a personagem que é comparada a uma "cigana" que seduz com seu olhar —oblíquo e dissimulado (ASSIS, 1899), nos contos infantis, a "cigana" que rouba crianças ou que tem o poder do olhar o futuro. Soria (2015, p. 91) afirma que a maioria das representações literárias da "cigana" são formadas por um acúmulo de estereótipos. Concordamos com a autora. Se fizermos o exercício de refletir sobre a representação social da mulher "cigana", não a imaginam enquanto estudante, trabalhadora, mãe ou esposa, mas sim como uma pedinte, uma dançarina, ou, até mesmo, feiticeiras que possuem poderes mágicos. Deste modo, nossa proposta é discutir acerca das mulheres Romani no Brasil, pensando suas demandas e ações. Queremos pensar essas mulheres, desvinculadas dos estereótipos que muitos insistem em atribuir, isto quer dizer que iremos discutir mulheres reais. Além disso, dentro desse contexto, iremos discutir acerca da reivindicação de direitos a partir do recorte de gênero realizado por mulheres que se reconhecem enquanto "feministas romani". Afinal, o que querem essas mulheres? Como se constrói esse feminismo? A partir de que elementos? Não sendo Carmens e nem Esmeraldas, como podem existir dentro de suas culturas tão distintas em um país com dimensão continental, com altos índices de exclusão social e



ataques constantes a participação e ao controle social?



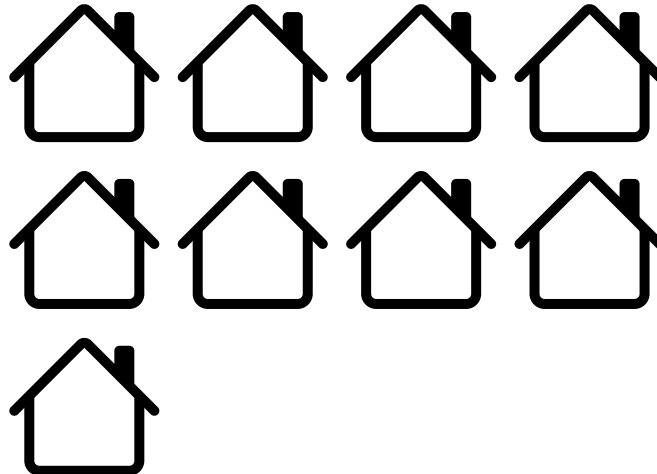
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: